

# EDUCAÇÃO BRASILEIRA – ITINERÁRIOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS

Quando pensamos a história e a filosofia como mestras na construção de um projeto civilizatório, elas não incorporam quaisquer tipos de adjetivação. Não serão os “enfeites” que as palavras podem proporcionar que lhes atribuirão qualidade e valor. Mas por que somos levados a projetar uma história ou uma filosofia adjetivada no cotidiano mais elementar de nossa existência social que são as relações de trabalho?

Por que produzimos subterfúgios que nos remetem não à história e à filosofia, com letras maiúsculas, mas a uma filosofia ou história da educação? Será que o trabalho docente, ao adotar esse procedimento, simplesmente não segue as regras dessa etapa mundializada da sociedade capitalista, que fragmenta todo o conhecimento, toda a ciência, toda experiência societal e que, conseqüentemente, transforma essas grandes mestras da vida em disciplinas de fundamentos necessários à formação daqueles que buscam sua qualificação profissional nos *campi* universitários?

Claro que as respostas a essas indagações demandariam, como diziam nossos colegas professores da “velha guarda”, gastar muita tinta. No entanto, é importante reconhecer que nem a história, nem a filosofia podem ser projetadas como conhecimentos ou ramificações da ciência, prontos e acabados. Longe disso, pois estão em permanente construção. E é exatamente essa perspectiva que nos orienta a projetar os esforços que têm sido realizados nessas áreas de educação, como aqueles que sistematizam, atualizam, fomentam e, principalmente, produzem e socializam o conhecimento histórico e o filosófico, significativos e fundamentais na educação brasileira contemporânea.

Quando falamos dos itinerários históricos e filosóficos na educação brasileira das quatro ou cinco últimas décadas, não podemos esquecer que a filosofia pode ser concebida como o eterno esforço da humanidade. É a busca pelo significado, pelo sentido da existência, do mundo, sempre pela dúvida, pelo questionamento do ser humano na procura do seu conhecer, do seu agir. Talvez seja isso a filosofia. E esse é o campo da filosofia da educação quando essas dúvidas e questionamentos são postos na prática educativa. É campo, sem dúvida, fundamental da educação e da filosofia juntas. Por isso, muitos são os debates a respeito dessa simbiose que têm gerado, nos últimos trinta anos, análises, estudos, posicionamentos e publicações sobre a relação da filosofia com a educação. Três aspectos têm merecido ênfase nesses debates: o primeiro diz respeito à filosofia como processo de reflexão que pensa a educação e busca sentidos ou significados para a ação educativa, o segundo se refere à filosofia como conteúdo necessário na formação dos educadores e o terceiro discute a filosofia como componente indispensável à formação de crianças e jovens.

Queremos, neste número de *EccoS*, mostrar um pouco dos resultados dessa história ou desses debates.

Nos últimos anos temos presenciado uma considerável e consistente expansão das pesquisas sobre a história da educação brasileira, o debate tem propiciado a busca de novas fontes e temáticas, e a discussão teórico-metodológica se mostra cada vez mais importante e está longe de ser negligente com as questões próprias da historiografia e das diferentes formas de pensar o seu objeto – o homem. O homem que inventa a educação como possibilidade de mediação e estabelecimento de relações sociais; o homem e suas realizações culturais; o homem e sua busca permanente, no tempo e no espaço, no cotidiano de suas práticas políticas ou laborais, no interior de suas instituições ou diante da barbárie, de humanização do mundo que o acolhe. Aqui, apresentamos uma pequena amostra desse esforço.

O volume 9 tem como proposta apresentar reflexões em torno da educação brasileira na segunda metade do século XX, os itinerários históricos e filosóficos que compuseram as pesquisas na área de educação. Apresentamos ao leitor o número 1 desse volume, composto de duas seções: a primeira traz artigos sobre a temática, e a segunda, uma homenagem a um educador que se tornou o símbolo da educação brasileira no período em destaque – Paulo Freire.

A primeira parte compõe-se dos artigos: 1. Sob o título “A educação popular nos inquéritos policiais militares pós-64”, do professor Afonso Celso Scocuglia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), apresenta a reconstrução histórica e memórias da ditadura militar e seus reflexos na educação popular, em especial os educadores dirigentes da Campanha de Educação Popular da Paraíba (Ceplar). Sua fonte principal de pesquisa são os inquéritos policiais militares de 1964 a 1969; 2. De autoria do professor Maurício Pedro da Silva, o artigo “Novas Diretrizes curriculares para o estudo da História e da Cultura afro-brasileira e africana: a Lei 10.639/03” traz ao debate a reflexão sobre a lei que tornou obrigatório, nos currículos de história do ensino médio, o estudo da cultura e da história afro-brasileira; 3. No terceiro trabalho, na interface entre educação de jovens e adultos e a educação popular, a professora Dulcinéia de Fátima F. Pereira faz uma análise histórica dos últimos 40 anos das políticas públicas para esse setor da educação; 4. A professora Célia Haas, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Cidade (Unicid), neste artigo, propõe uma reflexão sobre o Projeto Pedagógico de Formação de professores em diálogo com o pensamento de Freire, apresenta as reflexões de seu grupo de pesquisa sobre “A formação interdisciplinar de professores” num encontro com as idéias do educador Paulo Freire; 5. A professora Cíntia Ghung M. Corrêa expõe, em seu ensaio, a questão da arte nos currículos escolares e a organização didático-pedagógica dos conteúdos pelos professores, no contexto das Leis de Diretrizes e Bases 4.024\61 a 9394\96;

6. Na área da história das instituições escolares, a professora Silvia Helena Andrade de Brito, em seu artigo intitulado “A proposta da Escola Oratório Salesiana: o caso da Cidade Dom Bosco, (Curumbá, Mato Grosso, 1957-1973)”, apresenta essa instituição escolar católica valorizando a discussão sobre o *ethos* religioso na educação; 7. “As professoras primárias da Guanabara de Lacerda: a construção do tipo antropológico” é o título do artigo da professora Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho, da Universidade Cândido Mendes, no qual analisa a representação das professoras primárias e sua identidade política com a gestão de Carlos Lacerda no Estado da Guanabara; 8. Por fim, como último artigo desta seção, retratando esse itinerário histórico da educação brasileira entre 1960 a 2000, as professoras Ester Buffa do PPGE/Uninove e Renata Pereira Canales, docente das Faculdades COC, apresentam uma reflexão sobre a extensão universitária como meio de comunicação entre a universidade e a comunidade, tendo como estudo de caso o Centro de Divulgação Científico Cultural da Universidade São Paulo /São Carlos, analisando, em especial, um dos projetos – a Experimentoteca, um laboratório de ciência circulante com experimentos que são levados às escolas públicas para prática em sala de aula.

A segunda seção, chamada “Homenagem a Paulo Freire, um educador brasileiro”, compõe-se de três textos, dois de professores brasileiros, Paolo Nosella (Uninove/UFSCar) e Jair Militão (Unicid/USP), e de um texto internacional, do professor Miguel Escobar Guerrero, da Universidad Nacional Autónoma de México (Unam), que refletem experiências vivenciadas com Freire e trazem à memória o impacto de seu pensamento na educação brasileira e internacional.

Esperamos que a leitura traga luz àqueles que contribuem para descortinar os caminhos da educação.

Doutor em História – USP;  
Pós-doutoramento em  
Educação – Unicamp;  
Professor do PPGE-Uninove.  
São Paulo – Embu-Guaçu  
[Brasil]  
carlosbauer@uninove.br

**Carlos Bauer**  
Co-editor